

**CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA
NA ACOMODAÇÃO DIALETAL:
UMA QUESTÃO DE IDENTIDADE**

Solange Carvalho (UFPE/FALUB/UVA)
carvalho.solange@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta a questão da identidade e suas implicações para o processo de acomodação dialetal. No entendimento de que o estudo das atitudes linguísticas perpassa pelas construções identitárias, uma questão vem nos inquietando: por contemplarem os aspectos sociais, ideológicos e culturais, até que ponto as atitudes linguísticas estariam ligadas às relações de poder e força entre grupos sociais diferenciados? Nossa hipótese é que as atitudes dos indivíduos, seja no nível de análise diatópico (no caso das comunidades dialetais), seja no nível diastrático (indivíduos de estratos sociais distintos), estão intrinsecamente ligadas aos jogos da identidade e de poder. Buscando responder à indagação e atender ou não a presente hipótese, construímos nosso objetivo: investigar as estratégias utilizadas pelas atitudes linguísticas de convergência e divergência em relação a opções identitárias assumidas no processo de acomodação dialetal. Fundamentamos a discussão nos estudos sociolinguísticos labovianos (1968, 1972), na teoria da acomodação e comunicação proposta por Haward Gilles (1996) e nos pressupostos teóricos de Bauman (2005) e Hall (2022) no que respeita à questão de identidade. Realizamos uma pesquisa empírica em que levantamos situações conflitantes tanto em relação a opções identitárias assumidas quanto à resistência à acomodação dialetal. Para tanto, utilizamos como técnica metodológica a observação direta e como instrumentos de coleta de dados entrevistas semiestruturadas, em que estaremos verificando os fenômenos de convergência e divergência tendo como principal variável de análise as atitudes dos falantes e ouvintes.

Palavras-chave: Dialeto. Preconceito linguístico. Variante de prestígio.

1. Introdução

Em plena era da informação, em que posição se encontra o homem no cerne de uma cultura da imagem? A questão da identidade está na ordem do dia em que, deixando de ser preocupação filosófica, passa

ao interesse de sociólogos, antropólogos e demais estudiosos das ciências sociais e humanas. No âmbito da linguística, perpassa por algumas linhas de pesquisa a exemplo da sociolinguística e também da análise do discurso, cuja concepção de sujeito se distancia das demais, quando é entendido como sócio-historicamente construído.

No entendimento de que o estudo das atitudes linguísticas perpassa pelas construções identitárias, uma questão vem nos inquietando: por contemplarem os aspectos sociais, ideológicos e culturais, até que ponto as atitudes linguísticas estariam ligadas às relações de poder e força entre grupos sociais diferenciados? Nossa hipótese é que as atitudes dos indivíduos estão intrinsecamente ligadas aos jogos da identidade e de poder. Buscando responder à indagação e atender ou não a presente hipótese, construímos nosso objetivo: investigar as estratégias utilizadas pelas atitudes linguísticas de convergência e divergência em relação a opções identitárias assumidas no processo de acomodação dialetal.

Nesse entendimento, a compreensão da identidade requer a compreensão de sujeito ao longo da história. Para melhor compreender essa percepção de sujeito e de identidade, contamos com os pressupostos teóricos de Stuart Hall (2002). Por outro lado, para melhor situar o sujeito na contemporaneidade, traremos à reflexão as narrativas de Bauman (2005) e as situações conflitantes por que já passou em relação as suas identidades. Além desses autores, para dar conta da questão da heterogeneidade linguística e dos dialetos, contamos com os estudos sociolinguísticos labovianos (1968, 1972) e sobretudo com a Teoria da Acomodação e Comunicação proposta por Haward Giles (1996). Além desses estudiosos da língua, para tratar do preconceito linguístico, sustentaremos os postulados da sociolinguística em Bortoni-Ricardo (2005) e Bagno (1995).

Para realizar o estudo, produzimos uma pesquisa empírica exploratória de abordagem qualitativa pautada nos pressupostos metodológicos de Labov (1972) e complementada com os pressupostos teóricos de Giles (1973) e Giles et al (2010).

O artigo está estruturado em seções: A primeira seção, após esta introdução, apresenta a fundamentação teórica do estudo, em que apresentamos as teorias que deram suporte ao presente estudo, bem como os aspectos concernentes às atitudes linguísticas, além de apresentar também os postulados dos autores de referências quanto às concepções de sujeito e identidade. Na segunda seção apresentamos os aspectos meto-

dológicos da pesquisa. A terceira parte está reservada a descrição, análise e interpretação dos dados, seguida da quarta e última seção, que apresenta as considerações finais.

Com isso, apresentamos à comunidade científica um estudo significativo da reflexão sobre o processo de acomodação dialetal. Este estudo, embora incipiente, pode contribuir para outras pesquisas que aprofundem a temática.

2. *Fundamentação teórica*

2.1. Do que trata a sociolinguística

A sociolinguística é área da linguística que estuda a língua em seu uso real, com base nas relações entre as variáveis linguísticas (estruturais) e sociais, além de levar em consideração os aspectos socioculturais da produção da fala. Seu objeto de estudo é a variação linguística, ou seja, o vernáculo, que é a língua falada.

A sociolinguística variacionista é também chamada teoria da variação, proposta por William Labov em sua tese de doutoramento. Como autor dessa teoria, responsável pelo avanço nos estudos sociolinguísticos, Labov (1968; 1972) contribuiu para os avanços da área. Sua perspectiva teórica se confunde com a própria teoria sociolinguística, cuja abrangência dá margem para “várias sociolinguísticas”, a depender do eixo de atuação, conforme veremos no corpo deste trabalho.

Sobre a generalização suscitada pela concepção anteriormente mencionada, entendemos que a sociologia da linguagem, por exemplo, trata dos fatores sociais relacionados ao uso da língua, no entanto, é um ramo das ciências sociais que se refere aos sistemas linguísticos como instrumento das relações entre as instituições sociais (CAMACHO, 1984). Há também a etnografia proposta por Hymes (1974), precursor da sociolinguística, que descreve e analisa as formas dos eventos de fala, assemelhando-se, portanto, à sociolinguística variacionista. A sociolinguística interacional é voltada para análise da conversação. Nesse entendimento, o sociolinguista vai recorrer às variações do contexto social para solucionar problemas da variação inerente a toda e qualquer língua do mundo. Para tanto, observa a relação entre a estrutura da língua e a social. Para tanto, observa a relação entre a estrutura da língua e a social, pois conforme compreensão geral, a língua manifesta a vida em sociedade e justamente por isso é compreensível que seu estudo esteja atrelado à So-

ciologia, de onde a Sociolinguística foi buscar seus métodos para a pesquisa do seu objeto de estudo: a variação linguística.

O método a que se refere a autora é o da pesquisa de campo. Enquanto o sociólogo vai ao campo em busca dos fatos sociais, como postulava Émile Durkheim, o sociolinguista também vai ao campo em busca dos fatos da língua. As técnicas para a coleta dos dados foram postas por William Labov (1972) e Tarallo (2005).

Nesse entendimento, os estudos sociolinguísticos discutem, conforme Bortoni-Ricardo (2005), as relações de estigmas, prestígio, bem como de preconceito linguístico, discutido por Bagno (1991) em sua conhecida obra *Preconceito Linguístico*. As pesquisas sociolinguísticas podem ser realizadas por eixos, a saber: diatópico, diastrático e diafásico. No eixo diatópico ou geográfico, estudam-se os regionalismos. Quanto menos isolada a região, mais possibilidade ela tem de diferenciar-se, sobretudo no nível do léxico, em que cada comunidade tem um repertório específico da região (ARAGÃO, 2009). No eixo diastrático ou social, a preocupação incide sobre o uso padrão e não padrão, condicionados estruturalmente (linguisticamente) e socialmente; o eixo diafásico, que constitui a perspectiva da estilística, foca nas escolhas do falante e influências que exerce sobre o interlocutor na interação. Segundo Pretti (1982), os fatores que determinam a escolha do registro (nível de fala) são: grau de formalismo (*continuum*), modo (fala ou escrita), sintonia (em relação ao interlocutor).

O caráter dinâmico é um dos aspectos mais perceptíveis das línguas naturais. Essa dinamicidade encontra no nível lexical um vasto território para alargar as fronteiras do domínio do repertório lexical de muitas informações sobre sua cultura, suas crenças, hábitos, mudanças sociais, econômicas e culturais (ARAGÃO, 2009, p. 16).

As pesquisas sociolinguísticas, ao focarem os fatos da língua, devem buscar comprovar eixo de interferência, ou seja, o que condiciona determinado uso pode ser explicado por ser um fenômeno típico das diferenças geográficas, ou também pode ser explicado pelas variáveis sociais, estudadas no eixo diastrático. Cabe registrar que as variações sempre ocorrem dentro duma comunidade de fala, cujo conceito difere entre os autores, para alguns, relaciona-se à frequência de interação por um grupo de pessoas (BLOOMFIELD, 1933; HOCKETT 1958; GUMPERZ, 1962), para Hymes (1972), regras de fala e interpretações compartilhadas do desempenho linguístico, para Labov (1972) atitudes e valores compar-

tilhados com respeito às formas linguísticas e ao uso linguístico, entre outras concepções.

Pode o pesquisador perceber que a variação estudada é condicionada individualmente pelo estilo do falante. Em que pese os esforços iniciais de Hymes (1994) em busca de uma teoria da comunicação, cabe registrar que ainda há muito que se aprofundar teoricamente nos estudos desse último eixo dos estudos sociolinguísticos, daí a pertinência da teoria da acomodação proposta por Giles (1974), a qual abordaremos mais adiante (seção 2.2).

2.2. Teoria da acomodação e comunicação (teoria da acomodação dialetal)

Para abordar a teoria da acomodação e comunicação, há que se considerar inicialmente suas primeiras designações. A teoria da acomodação comunicativa²¹ foi desenvolvida por Giles et al (1977), com o fim de investigar as estratégias utilizadas na interação entre falantes (grupos e intergrupos) para alcançar a distância social desejada. Por entenderem que a sociolinguística laboviana apresenta limitações metodológicas quanto à explicação do processo de acomodação dialetal, Giles (1973; 1977) e Giles et al (2010) sugerem a teoria da acomodação, pois compreendem que o autor da teoria da variação, ao afirmar em seus primeiros estudos que a fala acompanha graus de formalidade e informalidade, abre espaço para a possibilidade de interferência do processo de acomodação da fala na interação entre o entrevistador e o entrevistado. Giles (1995) compreende que o método laboviano de fazer entrevistas, com seu módulo de risco de vida, deve ser complementado, levando em consideração o contexto e o que fica nas entrelinhas da interação.

A teoria da acomodação comunicativa é pertinente para ser aplicada em todas as situações que envolvam a comunicação. Anteriormente era denominada de teoria da acomodação da fala²², cujo objetivo de demonstrar o valor do conceito psicológico e social para entender a dinâmica da língua nas relações sociais. O que diferencia as duas denominações teóricas é que a primeira elabora as estratégias de convergência e divergência e a última ampliou o escopo da análise com as observações não

²¹ *Communication Accommodation Theory.*

²² *Speech Accommodation Theory.*

somente da fala e dos padrões discursivos, mas do comportamento não verbal durante a interação social. Importante registrar os dois princípios básicos da teoria da acomodação da fala: 1. Durante a interação linguística, as pessoas tendem a acomodar seus estilos de fala respeitando-se mutuamente e demonstrando expressão de valores, atitudes e intenções. 2. A maneira como as pessoas respondem vai depender de sua compreensão, ou seja, de como elas interpretam a fala de seus interlocutores.

A teoria da acomodação da fala elabora as estratégias de convergência (imitação de sotaque, padrões de entonação, intensidade vocal, velocidade da fala, pausa ou duração do discurso) e divergência, cuja ênfase está nos atributos da fala. Já a teoria da acomodação comunicativa ampliou o escopo de análise incluindo a observação das modificações não somente da fala e dos padrões discursivos, mas também do comportamento não verbal durante a interação. Tornou-se mais interdisciplinar, permitindo então uma análise dinâmica em contextos variados para observar como os falantes vão se acomodando (convergindo) aos padrões comunicativos acreditados como sendo característicos de seus interlocutores, observando a empatia e o desejo de sinalizar essa empatia, identidades sociais comuns, explicar a aprovação do outro, o respeito, a confiança, a cooperação e ainda desenvolver uma relação de proximidade ou difusão potencialmente flexível na situação comunicativa.

A teoria da acomodação dialetal conta com as seguintes estratégias de comunicação: manejo do discurso, interpretabilidade, controle interpessoal, aproximação (acomodação): a. convergência e divergência: estratégias direcionadas ao outro, pois são implantadas dentro das interações, como suas tendências para acentuar similaridades ou diferenças entre o falante e seu interlocutor; b. manutenção de estratégias: estratégia direcionada a si mesmo (ao próprio falante), pois seu objetivo é preservar seu próprio estilo linguístico, sem ajustes acomodativos, até mesmo ao ponto de ignorar as tentativas acomodativas feitas pelo interlocutor. Por isso ela é considerada psicologicamente fechada para outras estratégias.

2.3. Escolhas e atitudes linguísticas do falante

Originados da psicologia social, os estudos de atitudes linguísticas estão diretamente ligados ao aspecto sociocultural da linguagem e a questões sociolinguísticas. Seu precursor foi Wallace Lambert (1967), o qual, segundo Urlacher e Scheneider (2008, p. 35), passa a estudar os aspectos sociais, ideológicos e culturais da linguagem, tornando com isso mais

complexo o estudo da variação linguística, objeto de estudo da sociolinguística.

Segundo o esse pioneiro dos estudos de atitudes linguísticas, a variação linguística está intrinsecamente ligada às relações de “poder e força” entre os grupos sociais, conforme sua posição nas diferentes camadas sociais e a linguagem que utilizam. Nessa perspectiva, a sociolinguística incluiria em suas análises linguísticas o fator econômico. Dessa forma, a linguagem torna-se um meio de identificação social do indivíduo, ou seja, segundo Sepé (1998, p. 21), pode-se identificar sua classe social por sua variante linguística.

A identidade relaciona-se ao *ethos* social, em que o indivíduo se reconhece a partir de determinado local ou grupo social. Segundo Uflacker e Schneider (2008), as crenças, os valores oferecem respostas mediante as atitudes linguísticas do falante/ouvinte, revelando o sentimento de pertença dos usuários da língua, como podemos ver nas palavras dos autores a seguir: “Esse sentimento de pertença se externa pelo uso da linguagem, uma vez que as representações de nossas crenças e diferentes identidades sociais, em parte, se revelam por atitudes linguísticas” (UFLACKER; SCHNEIDER, 2008, p. 33-34).

O falante realiza escolhas, entre as formas de uso coocorrentes na língua. Quanto às formas em concorrência, que disputam a permanência na língua como querem os variacionistas (Labov, 1972), os estudos de atitudes linguísticas corroboram a ideia de competição: “Estudar atitudes linguísticas pressupõe o reconhecimento de que em uma sociedade e entre as sociedades existem variedades diferentes da língua e de estilo que coexistam de forma competitiva e contrastiva”. (GILES; RYAN; SEBASTIAN, *apud* UFLACKER; SCHNEIDER, 2008, p. 35)

Segundo esses autores, nessa competição pela permanência, há embutida uma competição pela afirmação de identidade, a qual é revelada por valores e hábitos, que por sua vez são revelados na maneira de ser, falar e agir das pessoas que as distingue como seres individuais.

Nesse entendimento de “escolhas”, há que se considerar o *ethos* do falante tanto em relação a si mesmo e a sua comunidade dialetal como em relação ao outro a sua comunidade onde, inclusive, reside. Segundo Fasold (1984, p. 147), o ponto de vista antropológico ampara a questão de “escolha da linguagem” nessa percepção do falante. Segundo esse autor, a *language choice* está relacionada ao desejo de partilhar os mesmos valores de certa comunidade. “*Language choice at a particular moment*

is seem as evidence of a person's desire to be associated with the values of speech or other". (FASOLD, 1984, p. 148)

As atitudes linguísticas de um falante representam um indicativo de suas reações avaliativas, diante de variante distinta da sua, como esta definição: qualquer índice cognitivo, afetivo ou comportamental de reações avaliativas, em direção às variedades diferentes de língua ou de seus falantes. (GILES; RYAN; SEBASTIAN, 1982, p. 7)

Os diferentes usos da língua, mais aproximados ou menos do que foi estabelecido como “padrão”, podem apontar, no uso espontâneo pelo falante, traços identitários, o prestígio, sua classe social e sua competência linguística. (UFLACKER; SCHNEIDER, *op. cit.*).

O estudo de atitudes linguísticas apresenta certa dificuldade de avaliação dos dados haja vista serem, muitas vezes, “inconscientes ou contraditórias”, como apontado por Uflacker e Schmeider (2008, p. 49). Tal dificuldade, na opinião desses autores, reverte-se em relevância do estudo:

 Todavia, essas dificuldades ressaltam justamente a importância dos estudos de atitudes linguísticas, pois eles contribuem para compreender as representações subjacentes à atuação docente, possibilitando detectar, entre outros aspectos, preconceitos linguísticos em relação às variedades linguísticas e a seus falantes. Tais preconceitos são, muitas vezes, desvelados por visões estereotipadas que podem contribuir para a desvalorização de variedades dialetais e, por extensão, de marcas identitárias, especialmente no que se refere ao sotaque dialetal (UFLACKER; SCHNEIDER, 2009, p. 49).

O texto deixa clara a posição dos autores quanto ao estigma em relação às variedades dialetais, que podem ser inferidas a partir do sotaque dialetal.

A língua, com suas marcas dialetais, revela a ideologia de uma comunidade de fala, cujos membros, conforme os pressupostos de Labov (1972), compartilham traços dialetais que a diferenciam de outra. Possivelmente tais comportamentos linguísticos advêm da interferência de “forças históricas” que atuam na atitude linguística desses falantes. Essa atitude tem relação direta com a visão de mundo dos falantes nativos.

A língua em uso se desenvolve, como propõe Bakhtin (1981, p. 270-272), movida por uma “força centrípeta” que impulsiona e centraliza os usos, ao tempo em que se solidificam processos sociopolíticos e culturais. Nesse entendimento discursivo, os falantes, mediante suas atitudes linguísticas, revelam e transmitem valores e ideologias que constituem a

sociedade onde estão inseridos, formando e “prescrevendo” comportamentos sociais.

Fazemos, assim, uma ponte entre os postulados bakhtinianos quanto a forças centrípetas e a questão da identidade em Giddens (1990, p. 418), cujo comportamento é influenciado pelo coletivo, ou seja, comporta-se como o grupo “espera” que se comporte. Esse autor faz analogia à alteração de cor de certos animais como técnica de camuflagem para não ser identificado. *“They look so similar to their surroundings that they are hardly distinguishable from them”* (GIDDENS, 1990, p. 418).

Para Giddens esse tipo de comportamento não parecia ser um comportamento que se pudesse considerar salutar, contudo, ao estudarmos os processos de acomodação dialetal e as atitudes linguísticas dos falantes, percebemos que se trata de um comportamento natural, por questão de “solidariedade”, como designado por Gilles, Ryan e Sebastian (1982). Ou seja, uma das discussões avaliativas, relacionada à avaliação positiva da variante do outro, que pode estar ligada à afetividade, à amabilidade e à sociabilidade.

2.4. Uma questão de identidade

As concepções de identidade perpassam pela concepção de sujeito ao longo do tempo. Segundo Hall (2002), há três concepções de sujeito, quais sejam: 1. do sujeito do Iluminismo; 2. do sujeito sociológico e 3. do sujeito pós-moderno. O primeiro é a concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consiste em um núcleo interior, que emerge pela primeira vez quando o sujeito nasce. Essa identidade permanece por toda a vida.

O segundo, a identidade do sujeito sociológico, reflete a complexidade crescente do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo interior não é autônomo, mas formado na relação com “outras pessoas importantes para ele” na cultura dos mundos em que se habita. Trata-se de uma concepção interativa em que a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. O eu real é formado e modificado pelos mundos exteriores e suas identidades. Projetamos a nós mesmos nessas identidades culturais e ao mesmo tempo internalizamos seus significados e valores. A identidade liga o sujeito à estrutura, estabilizando o sujeito e os mundos culturais em que ele habita.

A terceira concepção de identidade, a do sujeito pós-moderno, é aquela em que o sujeito reúne em si várias identidades, ou seja, as identidades culturais nas quais nos projetamos tornam-se provisórias, variáveis e problemáticas. Assim, o homem pós-moderno não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, mas uma “celebração móvel” dos sistemas culturais circundantes. É definida historicamente e não biologicamente; aqui, assumimos identidades diferentes em diferentes momentos. O que está em jogo na questão das identidades são a “pluralização de identidades, conforme postulado por Hall (2002)²³.

No texto de *Fim dos territórios ou novas territorialidades?* Haesbaert (2002) discute a questão da territorialidade sob duas teses. 1. Em vez de desaparecerem, a geografia e seus espaços ou territórios estão emergindo sob novas formas ou significados. 2. Mais do que o desaparecimento dos territórios, o que está ocorrendo é a consolidação de novas formas de organização territorial. Entre as sociedades tradicionais e as modernas, o autor se pauta nas concepções de encaixe e desencaixe de Giddens (1991), trazendo à tona diversas concepções de territórios, além de abordar a dimensão cultural e identitária da desterritorialização. Haesbaert (2002) defende o ponto de vista de que pensar território é pensá-lo política e culturalmente. Nessa perspectiva, trata das territorialidades múltiplas, entre as quais são destacadas: territorializações mais tradicionais e exclusivistas, territorializações fechadas, territorializações mais flexíveis e territorializações efetivamente múltiplas. Haesbaert (2002) argumenta a favor de que, condensado ou estendido, o espaço recompõe-se em suas territorialidades, sejam elas concretas ou simbólicas, havendo, portanto, reterritorializações e, conseqüentemente, uma reorganização de base identitário-cultural.

Para Hall (2002) o aspecto da identidade cultural moderna é formado através de pertencimento a uma cultura nacional e pelos processos da mudança que efetua um deslocamento, que, compreendidos no contexto de ‘globalização’, estão afetando isso. O autor questiona sobre o que estaria deslocando as identidades culturais nacionais, no final do século XX. Em sua opinião “um complexo de processos e forças de mudança, que, por conveniência, pode ser sintetizado sob o termo ‘globalização’” (HALL, 2002, p. 67). O autor também destaca que o processo de globalização é perpassado por duas tendências contraditórias: tendência à autonomia nacional e tendência à globalização. Ele descreve as conse-

²³ Para melhor exemplificar esse “jogo de identidade”, conferir Hall (2002, p. 18-21).

quências da globalização sobre as identidades culturais, relaciona a compressão espaço-tempo à identidade cultural, questiona se existe o pós-moderno global ou a homogeneização cultural, discutindo a tensão entre o global e o local na transformação das identidades. Ao tratar do sujeito pós-moderno, Hall (2002, p. 12-13) o descreve como: “não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”.

Bauman (2005) vai chamar a essa modernidade tardia de modernidade líquida, em que as identidades deixam a antiga fixidez para se tornarem instáveis, a depender sempre da comunidade social em que o indivíduo está inserido. Para ele, trata-se de deslocamento de um “vínculo local”, ou seja, do próprio indivíduo que por sua vez se encontra em um processo de construção do eu. Não se trata apenas de ajustamento às “normas sociais”, mas é uma ação que parte do próprio indivíduo.

As mudanças socioculturais, políticas e econômicas, além das mudanças tecnológicas que a sociedade vem presenciando mais intensamente nas últimas décadas, sobretudo em comunidades específicas são, segundo Moita Lopes (2003), o que vem alimentando a temática sobre a questão da identidade. Se a modernidade alterou a face do mundo com suas conquistas materiais, tecnológicas, científicas e culturais, algo de abrangência semelhante ocorreu nas últimas décadas” (FRIDMAN, 2000, *apud* MOITA LOPES, 2003, p. 15).

3. *Aspectos metodológicos*

Para realização deste breve estudo, contamos com os pressupostos teórico-metodológicos de Labov (1972), Gilles (1976) e Gilles et al. (1977; 2010). A pesquisa empírica realizada foi exploratória de abordagem qualitativa, uma vez que ainda estamos na incipiência da temática identidade, com o risco de deslocarmos alguns pontos de observação ao longo da pesquisa, conforme descrito em Flick (2009). Além do mais, não utilizamos programas estatísticos para controlar os dados, priorizando nossas próprias interpretações a partir de nossa experiência de pesquisadores da linguagem ao longo de quase duas décadas circulando pela comunidade científica.

Os sujeitos da pesquisa foram pessoas pertencentes a variadas comunidades dialetais, com experiências variadas sobre os “conflitos” de identidade vivenciados em comunidades dialetais (comunidades de fala) diferentes da sua²⁴. Nessa perspectiva de diversificar as comunidades, selecionamos participantes de vários estados (Piauí, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Pernambuco). Nesse último, entrevistamos falantes tanto da capital, quando dos interiores, regiões Agreste e Sertão. O número de informantes que participaram da pesquisa foram 28, distribuídos da seguinte forma: a maioria do Estado de Pernambuco, 15 das duas cidades mais representativas, 13 do Recife (capital) e 2 de Olinda (cidade histórica). Os demais participantes, de outras cidades do interior, quais sejam: 1 de Canhotino, 1 de Araripina, 1 de Garanhuns, 1 de Palmares, 1 Paudalho, 1 de Paulista, 1 Arcoverde. Ainda do Nordeste, participaram da pesquisa 2 do Piauí (uma de Parnaíba e outra de Cocal dos Alves). De outras Regiões contamos com 1 do Rio de Janeiro, 2 de São Paulo, 1 de Minas Gerais. Todos possuem grau elevado de escolaridade (são graduados e pós-graduados). Para a preservação das identidades dos participantes, utilizamos a letra E do alfabeto em maiúscula seguida de numeração arábica, pela ordem das entrevistas (E1, E2, E3...).

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista estruturada, com perguntas fechadas e abertas, por e-mail, com o fim de vencer as barreiras do tempo e do espaço e agilizar a pesquisa, afinal, em tempos de tecnologia, não podemos prescindir das tecnologias de informação e comunicação (TIC), conforme expresso por Wanderley e Carvalho (2013, p. 7).

Para análise dos dados, estruturamos a seção com a descrição de trechos de falas dos entrevistados seguidos das interpretações e inferências. Vale salientar que, com esse instrumento de coleta, não foi possível aferir dos entrevistados aspectos fonético-fonológicos, entoação, tampouco gestos, porém a linguagem digital deixa marcas de oralidade que nos permitiu perceber a espontaneidade do usuário da língua. Ainda sim, nos pautamos mais nos níveis lexical e semântico, para análise das atitudes linguísticas por suas escolhas lexicais e sua concepção de prestígio. A ênfase e a intensidade vocal também são compreendidas pelas características da linguagem digital, a exemplo do uso de maiúsculas e dos íco-

²⁴ A maioria foram colegas mestrandos e doutorandos, da disciplina antropologia linguística, ministrada pela Profa. Dra. Judite Hoffgnael do Programa de Pós-Graduação do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pertencentes a comunidades dialetais distintas (Piauí, Garanhuns-PE, Recife-PE).

nes, conforme expressos pelas autoras a seguir: “Os usuários dos suportes digitais utilizam com propriedade os aspectos das marcas da oralidade. (...) fazem uso dos paralingüísticos para estabelecer a construção de sentidos, a exemplo dos emoticons” (LÓSSIO; CARVALHO, 2009, p. 7).

4. *Análise e interpretação dos dados*

Os resultados da pesquisa apontam para a pertinência em relacionar a questão da identidade como fator de divergência, ou seja, a resistência em acomodar o próprio dialeto da comunidade local onde se é de fora se dá principalmente pelo orgulho que se tem de sua comunidade dialetal.

Seguem alguns depoimentos em que o orgulho da comunidade de origem é representado por palavras e expressões como “orgulho”, “orgulho de ser nordestino”, “cultura rica”, “cheio de cultura”, entre outras expressões de amor e adoração pela riqueza cultural e pela amabilidade das pessoas.

Tenho orgulho de ser nordestino. Pela hospitalidade das pessoas, pelo amor que o povo tem a terra, esse apego a terra... mesmo aqueles que vão ao Sul, o sonho é voltar para a sua terrinha natal. Aqui em Pernambuco...o berço da cultura brasileira. (E1, Recife-PE)

Tenho bastante orgulho do meu Estado, principalmente pela forma como as pessoas se expressam, através da expressão corporal e linguística. Em Minas Gerais, falamos um “dialeto” único no país. (E5, Bambuí-MG).

Sim, pois o Nordeste brasileiro sempre se expressou como uma cultura de resistência aos padrões privilegiados ao mesmo tempo que nunca deixou de acompanhar as mudanças históricas. (E6, Recife-PE)

Sim. Mas acontece que a violência urbana, a falta de políticas públicas e a falta de responsabilidade de nossos governantes faz nos sentir muito envergonhados diante de outras comunidades e/ou nações. (E12, Recife-PE)

Sim, tenho muito orgulho, porque são as minhas raízes, onde nasci, cresci e aprendi a maior parte dos valores que norteiam a minha vida cidadã (E8, Paudalho-PE).

Sim, tenho orgulho da minha comunidade de origem (Ilha das Batatas). Um lugar no qual as pessoas eram ricas em cultura, sobreviviam economicamente da lavoura e da pesca. Tínhamos uma natureza maravilhosa, enfim, éramos muitos felizes com nosso modo de organização, mesmo as pessoas tendo baixo nível de escolaridade. Também tenho orgulho da cidade na qual passei a morar e a amar (Parnaíba), a segunda maior cidade do estado do Piauí. Contudo, nunca esqueci, nem esquecerei minha comunidade de origem, onde aprendi a falar, a ser filha, irmã, aluna... Toda a experiência adquirida na

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

minha infância ainda hoje e sempre serão constitutivas da minha identidade. (E24, Parnaíba-PI)

Observa-se que, independente da região, todos parecem sentir orgulho de sua comunidade de origem. As raízes geográficas estão diretamente relacionadas às experiências que são constitutivas da identidade. Por outro lado, a permanência prolongada em outra comunidade dialetal também forma raízes que marcam o indivíduo (E24). Remetemos esse sentimento de apego às raízes onde se teve tais experiências ao *ethos* social, no qual o indivíduo se reconhece no grupo social a que pertence, como esclarecido no aporte teórico deste estudo (Seção 2.3), conforme postulado por Uflacker e Schneider (2008). Os valores (no caso os adquiridos pelo grupo) revelam o sentimento de pertença e as identidades sociais que se exteriorizam pela linguagem.

Alguns se orgulham até dos pais por terem sido trazidos por eles para o Nordeste.

Sim. Tenho muito orgulho do meu falar arrastado, das palavras exóticas, da cultura do meu povo, afinal meu pai é pernambucano e agradeço muito a ele por ter me trazido para esta terra. (E22, nascido em São Paulo e residente em Arco Verde-PE desde os quatro anos)

Por ter meus pais nascidos aqui no Nordeste (...) é possuidora de *notável* população, (veja-se, não notória); população de colonização diferenciada de outras regiões do país, mas de uma *riqueza de inteligência natural* também diferenciada, o que gerou um povo *resiliente* nos significados ambiental e da psicologia: grandes intelectuais, cientistas, artistas: musicistas, cantores, esultores, pintores etc., de projeção nacional e internacional. Há que se considerar, além da população que desde a época de riqueza cafeeira, no Sudeste do Brasil, população esta, nordestina, pobre, contudo de força *hercúlea*, construíram na verdadeira acepção da palavra e corporal com sangue suor e vidas portanto, responsáveis pelo erguimento da glamorosa arquitetura dos dois maiores estados do Sudeste: Rio de Janeiro e São Paulo. Na mudança da capital brasileira para o Centro do País em Brasília, os ditos – candangos - ergueram o sonho de Oscar Niemeyer e projeto de Lucio Costa. (...) Ressinto-me apenas por suas dificuldades terem em parte, por estarem “à disposição de outras terras” e ausentes no apoio de suas famílias, causando uma defasagem na educação escolar e doméstica, uma grande defasagem na cultura desta população menos favorecida, deixando uma lacuna na “civilização” que poderia ter um nível desejável, quicá mais altaneiro que outros, pelo fato de emigramem por motivos de *sobrevivência* financeira! Todo este reconhecimento o faço independente das vantagens que pudesse ter tido pela minha ancestralidade europeia. (E9, Santa Catarina, residente em Olinda-PE)

A maioria dos entrevistados justificou o orgulho da sua comunidade de origem pela riqueza cultural registrada historicamente e pela amabilidade das pessoas, principalmente os pernambucanos. Uma das

entrevistadas (E12) expressou seu ressentimento com as questões políticas, justificando assim o sentimento de vergonha diante de outras comunidades.

Tendo sido trazido pelos pais aos quatro anos de idade, pode-se considerar o E22 um representante de sua comunidade de fala²⁵, conforme os postulados de Labov (1972), uma vez que chegara de São Paulo para residir em Arcoverde, última cidade do Agreste, considerada a porta do Sertão. O doutor em linguística (E22) sente-se orgulhoso de pertencer a uma região cujo acervo lexical considera rico, além de assumir o seu falar “arrastado” como ele mesmo denomina.

Sobre as diferenças dialetais existentes no Brasil, a maioria compreende como natural, devido à extensão do país.

Devido à multiplicidade cultural e à extensão do país, a variedade linguística e uma expressão da própria realidade da nação, o que nos faz singular no mundo (E6, Recife-PE)

São normais as diferenças dialetais em um país com enorme diversidade étnica, social e cultural. São essas diferenças, principalmente as dialetais, que conferem singularidade a cada região brasileira e grupo social. Essas diferenças devem ser valorizadas como expressão cultural de cada grupo (E5, Bambuí-MG)

Acho interessante, em um país você falar basicamente várias línguas diferentes... é uma língua portuguesa por região, temos o baiano, o gaúcho o mineiro, o pernambucano, o paraense, o carioca...são todos...têm todos línguas diferentes. (E1, Canhotinho-interior de Pernambuco)

Acho inevitável e muito bom. Cada variedade de fala reflete a cultura de cada comunidade local. (E 13, Garanhuns-PE)

Acho interessante, pois o nosso país é multicultural, portanto, cada pessoa fala de acordo com sua região, usará a língua portuguesa com SUS variedades regionais, que seja, na comunicação, no nível socioeconômico e outros. O Brasil é um país muito grande e se não houvesse essa variação linguística dos grupos regionais não saberíamos identificá-los. (E 3, Recife-PE)

É a essência do povo brasileiro. As variações dialetais representam a forma de vida e de inserção social de uma comunidade linguística instituída. (E 8, Paudalho-PE)

Tais diferenças só acentuam o quão importante é a cultura brasileira, formada por índios, negros, europeus, asiáticos e latinos. Juntos nós formamos

²⁵ Devido à complexidade conceitual da expressão “comunidade de fala”, entendida por Labov (1972) “como um grupo de falantes que compartilham traços linguísticos”, por Hymes (1995) como “regras de fala e interpretações compartilhadas do desempenho linguístico” (Cf. seção 2.1)

falares característicos que diferenciam do povo europeu – especialmente de Portugal. Isso nos torna ainda mais especiais. (E22, Arcoverde-PE)²⁶

Elas são factuais, intransferíveis, (...). Resultaram, portanto, numa pluralidade que favorece simbolicamente uma tapeçaria, feita à milhares de mãos, ou seja, várias etnias, formaram um maravilhoso mosaico (...) Para que se resguarde as diferenças em arquivos e heranças (patrimônios inexoráveis), mas que este dialeto seja respeitado e aprimorado, (sim! aprimorá-lo doravante! não significa desrespeitá-lo), conservemos nossas raízes e tradições e melhoraremos o que for necessário, dentro da justeza e da coerência, para que este dialeto possa ser lembrado, reverenciado, e continuamente assimilado dentro de padrões que possam evoluir nosso povo, nesta Região, sem precisar que seja mutilado, mas sim aperfeiçoado!!! (E 9, Santa Catarina, residente em Olinda-PE)

Como se pode verificar por esses depoimentos, há uma plena consciência da realidade heterogênea da língua em um país de dimensões continentais como o Brasil. Algumas palavras e expressões denotam a aceitação dessa realidade: “inevitável” (E13), “normal” (E5), “factuais” (E9) “própria da nação” (E5), “Essência do povo brasileiro” (E 8).

Ao indagarmos se já se sentiram alvo de preconceito em relação a seu dialeto (sotaque), seguindo da solicitação de narrativa de experiência própria, as respostas foram praticamente categóricas em relação aos falantes de comunidades dialetais do Nordeste.

Aqui, em Foz do Iguaçu, senti constrangimento em relação à maneira como me expresso. As pessoas criticam os mineiros falarem “trem” e “uai”, por exemplo, mas se esquecem de que eles (os paranaenses) falam “eu vou ir”. Tenho feito o enfrentamento dessas situações a partir da argumentação de que são essas diferenças que conferem singularidade a cada grupo social do país e tornam a nossa cultura rica e diversa. Sempre coloco a questão de que a linguagem faz parte da cultura de um grupo social e não há como considerar que uma linguagem seja mais correta ou adequada que a outra, quem ninguém fala “melhor ou mais correto” que o outro. É preciso respeitar e, sobretudo, valorizar a diversidade dialetal como traço da cultura de um grupo social (E5, Bambuí-MG)

Sim, já fui alvo de preconceito linguístico. Quando passei a viver em Olinda, alguns amigos (inclusive alguns do interior também!), zombavam da minha forma “cantada” de falar. Em 1998, fui estudar na Universidade de Salamanca, na Espanha, era então um curso para professores brasileiros de Espanhol. Havia uma professora carioca que, sempre que eu falava ela sorria e dizia de forma desrespeitosa que era “muito engraçada” a nossa forma de falar! Até que eu mostrei, ou pelo menos tentei mostrar, que as variações são autênticas representações dos povos e das suas culturas (E8, Paudalho-PE).

²⁶ Nascido em São Paulo, mas chegando em Pernambuco aos quatro anos de idade, portanto, com o processo de acomodação dialetal praticamente concluído, se é que se pode falar em conclusão no processo dinâmico que é a língua.

Sim, sempre que converso com pessoas de outras regiões, elas costumam rir e dizer que falamos cantando, ocorre que sempre rebato dizendo que para nós, eles também falam cantando, cada um com seu sotaque. Inclusive, na televisão quando querem interpretar alguém do nordeste, do Recife, eles sempre exageram, forçando um sotaque irreal, exemplo /Rêcife/, mas as pessoas daqui do Recife falam /Rêcife. (E4, Recife-PE)

Sim, várias vezes. Uma vez quando fui a São Paulo, perguntaram é nordestino? Disse sim e disseram: logo vi pelo sotaque... e ficaram todos rindo. (E15, Carpina-PE)

Sim. Em São Paulo (capital), em uma entrevista; quando eu falava algo que mostrasse mais meu sotaque, algumas pessoas me olhavam como se eu estivesse me expressando de forma incorreta ou inaceitável. (E16, Olinda-PE)

É sempre comum nós do nordeste, principalmente, sermos alvo de chacotas das pessoas do sul. Mas não me recordo de ser alvo de preconceito por conta do sotaque não. Também não conheço quem já foi. Mas para vermos isso claramente basta ligar a tv no canal da Globo e se deliciar com o enorme leque de preconceito com nossa terra e jeito de falar. (E3, Recife-PE)

Sim, quando fui a uma pizzaria em São Paulo, acompanhado de amigos e fiz meu pedido, o garçom imediatamente perguntou de que parte do Nordeste eu era. Responde que era do Recife e daí em diante ele sempre se dirigia a mim fazendo um tipo de caricatura do meu sotaque. Como meus amigos eram paulista, a exceção da minha irmã (...) até que um outro garçom, também recifense, disse para eu não me sentir incomodado e não levar o atendente a sério. Que aquele garçom já havia feito o mesmo com ele, mas não estava mal intencionado. (E6, Recife-PE)

Sim, trabalho com atendimento de telemarketing e algumas pessoas ao escutarem o meu dialeto se recusam a dar continuidade em sua solicitação e retornam o contato para que a ligação seja direcionada para a região sul ou sudeste do Brasil. (E17, Recife-PE)

Sim, quando criança, logo que saí da Ilha onde morava, e passei a estudar na cidade de Parnaíba. Lembro-me que um dia, na terceira-série do Ensino Fundamental, fui indicada para ser a rainha da festa junina na minha escola, e uma das frases que ouvi dos meus colegas era que eu dava certo porque falava errado, ou seja, falava como caipira. Isso deixou minha autoestima ainda mais baixa, pois, de certa forma, eu já não me sentia muito à vontade pra falar na sala de aula por que tinha a impressão que chamava à atenção, que falava de modo diferente dos outros alunos. Outra situação foi: Um dia falei a palavra “moiado” na frente do meu tio, ele me repreendeu, dizendo que eu não deveria falar igual ao meu pai, que o certo era dizer “molhado”. Acho que tinha entre oito e nove anos, mas isso nunca saiu da minha memória. (E24, Parnaíba, PI).

A maioria dos entrevistados contou que já foi alvo de preconceito lingüístico, sobretudo os de origem nordestina²⁷, os quais eram motivo de

²⁷ Embora a maioria dos sujeitos da pesquisa seja nordestina, percebemos que a autoestima dos falantes de comunidades dialetais do sul e sudeste não tem o mesmo sentimento.

risos ou alguma expressão caricatural por falarem “cantando” (E4, E6, E8, E15) ou pelo sotaque caipira, considerado em desprestígio social como um falar “errado” (E24). Alguns dos entrevistados mencionam a mídia televisiva como foco de preconceito linguístico em relação ao falar nordestino (E3 e E4). O entrevistado E5 considera que há uma grande falta de respeito na não aceitação das peculiaridades inerentes ao outro: “ninguém fala ‘melhor ou mais correto’ que o outro. É preciso respeitar e, sobretudo, valorizar a diversidade dialetal como traço da cultura de um grupo social” (E5, Bambuí-MG). Podemos inferir que os nordestinos são os falantes que mais sofrem preconceito, o que pode ser observado na fala da operadora de telemarket (E17). Então, para remeter à sociolinguista Bortoni-Ricardo (2005), o falante terá o prestígio de sua região, ou seja, a região Nordeste é alvo de preconceito por questões históricas e políticas, justificando assim o desprestígio do dialeto caipira, ou melhor, dos dialetos falados em todas as comunidades dialetais nordestinas.

É fato que a variação linguística é característica inerente à língua e aos dialetos e essa variação é ocorrente em todos os níveis da língua, seja fonológica, lexical, sintática e semântica. No caso dos depoimentos, verificamos na fala de alguns entrevistados essa constatação, a exemplo de “trem” e “uai” (E5).

Diante de tanta demonstração de preconceito linguístico já vivenciado pela maioria dos entrevistados, considerávamos que a questão sobre a experiência com o “conflito” de identidade suscitasse fartas narrações sobre as experiências de conflito de identidade em dada situação, contudo isso não ocorreu, pois uma parcela dos entrevistados, ainda que em menor parte, não tinham (ou não recordavam) casos de conflitos para contar. Isso possivelmente se deu pela limitação de nosso principal instrumento de coleta de dados, que foi uma entrevista realizada por e-mail. A linguagem escrita (ainda que digital) limita as narrações, uma vez que, ao contrário da linguagem oral (no caso de uma entrevista face a face), requer mais elaboração.

Sempre estive muito certa da minha identidade, não sofrendo esse conflito de identidade. (E19, Recife PE)

Para a maioria dos entrevistados, a concepção de identidade ainda é aquela do sujeito do iluminismo, referida por Hall (2002)²⁸, como observado no depoimento da mestrandia (E19), para quem a identidade pode

²⁸ Cf Seção 2.2.2 sobre as concepções de identidades.

não sofrer influências, diferente do depoimento do mestre em linguística e assistente administrativo (E14, Recifense) para o qual “é impossível não influenciar e se influenciar pela comunidade de fala em contato, pois a língua em contato se modifica”.

Corroboramos com o E14 em que, no contato entre comunidades dialetais, não há como não ocorrerem interferências dos dois dialetos. O que pode interferir na acomodação dialetal são atitudes de divergência, em que o falante resista à mudança. É possível que essa resistência à não acomodação dialetal esteja intrinsecamente ligada à questão da identidade seja ela individual ou coletiva. Há uma necessidade de preservação cultural, ou seja, valores, crenças ideologias e a língua/linguagem.

O depoimento a seguir é revelador de atitudes linguísticas de policiamento em relação ao não acomodar seu dialeto ao do outro. Conforme os postulados de Gilles (1994) na teoria da acomodação comunicativa (Cf. Seção 2), verificamos no processo de acomodação dialetal atitudes de convergência e divergência.

Não, não me lembro de ter vivido situações assim. Observo que, quando não estou em Minas Gerais, evito falar /uai/ e /trem/, mas essas palavras sempre “escapam”, involuntariamente, em minha expressão oral. (E5, Bambuí, Minas Gerais)

Embora tenha dito não se lembrar de nenhuma situação conflitante, em que estivesse dividido quando ao uso do dialeto, confessa que se polícia evitando usar os marcadores linguísticos e discursivos comuns de seu dialeto mineiro. Essa atitude é uma tentativa de aceitação na comunidade em que se encontra de passagem, ou seja, para convergir seu dialeto no local, ocorre o policiamento de expressões que, segundo ele, teimam em escapar. Esse esforço para falar parecido com o dialeto local é chamado de estratégia de convergência, conforme postulado por Uflacker e Schneider (2008) em seus estudos sobre *Atitudes linguísticas e variedades dialetais alemãs*. Conforme apresentado na seção do aporte teórico, há também o esforço de resistência, ou seja, de manter seu dialeto de origem, como verificado em alguns depoimentos:

Sempre achei positiva a vontade de destacar a minha origem (E6 Recife-PE)

No pouco tempo em que tive contato com outras comunidades linguísticas, mesmo diante do preconceito numa me senti ameaçado de absorver o sotaque da região, justamente por eu gostar de destacar as particularidades do meu sotaque em minha fala. (E6, Recife-PE)

Não, não me senti em conflito, porque se nossa autoestima for elevada, não há razão para superdimensionar ou supervalorizar tais preconceitos no que se refere à questão dialetal. (E9, Recife-PE)

Há aqueles que convivem com as identidades, não necessariamente “em conflito”. Nesse caso não há que se falar em conflito como fragmentação, conforme os pressupostos de Hall (2005), mas as identidades convivem, tendo-se somente que se fazer escolha.

Por quase toda a minha vida tenho invertido sempre a minha identidade. Ou, melhor tenho assumido o papel de pai para criar meus filhos, de conselheira para tirar as minhocas das cabeças deles quando na fase da adolescência, de professora para ensinar as tarefas deles. Deixei de ser esposa para ser amante. Inverti também o papel de filha, e passei a ser mãe de minha mãe e do meu pai quando eles necessitaram. Em fim estas experiências me fortaleceram e a qualquer momento poderei assumir qualquer papel, desde que seja para ajudar a alguém que necessite de um favor (E12, Recife-PE)

Faço trilha e lidero um grupo em várias viagens. Sempre escalamos a Pedra do Cachorro (1400m do nível do mar). Agindo como líder e organizador da trilha, e não como marido, digo a minha mulher: ou v caminha, busca condicionamento ou não a levo o grupo, pois pode causar problemas...ter que ver alguém para descer do meio do caminho da escalada para trazê-la de volta, pois eu como líder, não posso abandonar os trilheiros para fazer o papel de marido cuidadoso...por isso alerta antes. Mesmo sendo difícil, conflitante, temos que fazer uma escolha (E1, Recife-PE).

Tive que optar pela identidade de professor em detrimento da identidade de técnico administrativo devido ao contexto acadêmico no qual me encontrava. A identidade de professor me dava mais credibilidade em termos de poder de decisão (E14, Recife-PE)

Difícil responder a essa pergunta. Nunca estive, realmente, não situação marcante de conflito de identidade. Posso, assim mesmo, citar os conflitos em que fui professor e coordenador e o lado de ‘colega professor’, às vezes, pesa mais quando é necessário tomar uma atitude contra ele, principalmente quando esse professor é membro de sua família. (E22, Arcoverde-PE)

Na modernidade líquida, para usar a expressão de Bauman (2005), assumimos vários papéis sociais, e, em algumas circunstâncias, há que se esperar uma ação baseada em uma dessas identidades. Essa tomada de decisão pode se dar por conflitos ou não; no caso do E22, sim, pois a ação como coordenador desagradaria ao “colega professor”. Que identidade assumir? A de professor como colega de profissão ou a de coordenador hierarquicamente superior? No caso do técnico administrativo e professor (E14), a questão era que precisaria jogar “o jogo das identidades”, conforme expresso em Ball (2002, Seção 2.2.2.).

Os mesmos que deram o depoimento de ter orgulho de sua região, de sua identidade nordestina, que achavam natural e inevitável a heterogeneidade linguística, em um país de grande extensão e rica diversidade cultural, e que confirmaram ser alvos de preconceitos em seu falar regional, negaram-se a dar um depoimento de conflito de identidade, porém, ao perguntarmos se já sentiram necessidade de falar da mesma maneira das pessoas com as quais passaram a conviver, alguns responderam que sim.

Não, tenho orgulho das minhas raízes e só falo de maneira diferente no trabalho, pois é uma exigência da empresa (E17, Recife-PE)

Sim, é impossível não influenciar e se influenciar pela comunidade de fala em contato, pois a língua em contato se modifica (E14, Recife-PE)

Sim... muitas vezes, sempre trabalhei com, nordestinos, seja em hotéis ou restaurantes, não falava como eles, mas participava das giras e costumes sempre engraçados povo maravilhoso o nordestino. Não... mas eu perdi o carioquês por viver em muitos estados do sul e sudeste (E20, Rio de Janeiro)

Não, muito pelo contrário. Sempre procurei deixar clara a minha identidade por meio do meu sotaque, não tendo a necessidade de mudá-lo ou utilizar expressões usadas em determinada região. Vejo, no entanto, que muitas pessoas procuram fazer esse tipo de adaptação para não sofrerem preconceito, o que, pra mim, é um medo muito comum que pessoas provenientes de alguns Estados têm por se sentirem inferiores cultural e economicamente. (E18, Recife-PE)

Sim, percebo que é de costume do nordestino quando convive com pessoas de outra região, rapidamente mudar o sotaque para se parecer com eles, já não acontece o mesmo ao contrário, pois observe que mesmo quando alguém de outra região vem morar no nordeste, eles passam anos, mas continuam com o mesmo sotaque de origem, acredito que isso se deva ao fato da admiração que tanto o sulista tem quanto a sua região, quanto o nordestino tem quanto a regiões do sul. Entendo que esse fato ocorra porque antigamente muitos nordestinos migraram para região do sul com vistas a ter oportunidades melhores de emprego, porque aqui não havia tantas oportunidades, além de que a mídia só mostra que a região nordeste é uma região pobre, que não chove e que as pessoas morrem de fome, ora, isso acontece mesmo por aqui, mas como acontece em outros lugares do Brasil. Sim, já tive subconscientemente necessidade de falar de outro modo, para, de repente, ser mais aceita, haja vista o preconceito generalizado que há com as pessoas do nordeste. (E4, Recife-PE)

Alguns disseram que sim, mas somente por questão de exigência de trabalho (E14); outros confessam terem “perdido” o sotaque de sua comunidade de origem por conviver em outros estados, como foi o caso do carioca (E20). Infere-se que esse falante da comunidade dialetal sente que deve convergir seu dialeto ao da comunidade local com quem necessita interagir no cotidiano. Nesse caso, a força atuante seria a de conver-

gência por questão de aceitação. Uma curiosidade a destacar é que parece que esse entrevistado, possivelmente por questão de preservação de face, fez questão de frisar o adjetivo “maravilhoso” com os nordestinos, por ter dito anteriormente que os achava “sempre engraçados”. A advogada (E4, Recife-PE) foi bem explícita ao declarar que já teve necessidade de mudar o modo de falar por causa do preconceito com os nordestinos. Ela considera a hipótese de que a facilidade com que os nordestinos mudam o seu sotaque para se parecer com os dialetos do sul possivelmente seria pela questão da admiração que os nordestinos têm desde a emigração para a região Sul (no caso, podemos incluir o Sudeste, sobretudo São Paulo), em busca de melhores condições de vida.

Verificamos pelas palavras dessa recifense (E4) que o processo de acomodação dialetal no caso do nordestino se dá pela estratégia da convergência, cuja motivação principal é a “admiração”, enquanto que o fenômeno que ocorre no processo de acomodação em falantes de outras comunidades dialetais se dá por divergência, devido à resistência que eles têm em não perder o seu sotaque de origem. Possivelmente isso se dê porque eles não nutrem a mesma admiração pelo dialeto falado no Nordeste, porém sentem orgulho de sua região, conseqüentemente de seu sotaque. É importante analisar o ethos do falante em relação a si e a sua comunidade dialetal os elementos que estão inseridos, a escolha da linguagem como postula Fasold (1984), está relacionado ao desejo de partilhar os mesmos valões de certa comunidade (Cf. seção 2.3).

Ao perguntar se já sentiram necessidade de preservar o sotaque para não absorver o sotaque da outra comunidade dialetal em que passaram a viver por algum tempo, muitos disseram que procuraram preservar o próprio dialeto.

Sim, ao viajar para outro estado, também do Nordeste, fiquei preocupada em preservar o meu sotaque pois acho que isso acaba fazendo parte da minha identidade (E16, Recife-PE)

Sempre procurei deixar clara a minha identidade por meio do meu sotaque, não tendo a necessidade de mudá-lo ou utilizar expressões usadas em determinada região, pois sempre tive muito orgulho do sotaque, ou melhor, do lugar onde nasci e vivi, não me sentindo inferior a qualquer pessoa de outro Estado. (E18, Recife-PE)

Não, porque sou bem resolvido no meu jeito de falar, mas, em alguns locais por onde passei, tenho que me adequar à linguagem da outra comunidade não por sofrer preconceito, mas para ser compreendido mais adequadamente. (E22, Arcoverde-PE)

Sim. Quando morava em Belém e já estava adquirindo o sotaque dos moradores de lá, sempre dizia que precisava voltar ao Nordeste, para reabastecer o meu sotaque (E23, Recife-PE)

Todas as vezes que os falantes expressam sua preocupação em preservar o sotaque e com isso a identidade coletiva (E16), ou a identidade por meio do sotaque (E18, E23), possivelmente estarão a atuar pela estratégia da divergência, resistindo à mudança. Percebe-se que as representações diversificadas das atitudes linguísticas dos participantes da entrevista diante de falantes de outras comunidades dialetais não se confirmam linguisticamente, e sim por sentimentos identitários, uma identidade construída sócio-historicamente na interação e troca de experiências, valores e crenças semelhantes. Isso fica mais claro pela valorização do sotaque. Por outro lado, há a consciência de que a interferência está sempre presente e com poder modificador. O sentimento de querer voltar ao Nordeste para abastecer o sotaque é uma estratégia de divergência. As motivações são variadas.

Vale salientar que esses preconceitos, conforme abordado por Uflacker e Schneider (2009), discutidos no aporte teórico, são desvelados por estereótipos que muitas vezes desvalorizam algumas variedades dialetais e as marcas identitárias, a exemplo do sotaque dialetal.

No caso do nordestino esclarecido que valoriza a sua região, a comunidade dialetal vai querer se impor ao outro, possivelmente para destacar o seu valor, pela valorização de sua identidade. Já os falantes de outras comunidades dialetais, a exemplo das localizadas no Sul e Sudeste, cuja autoestima é elevada, o orgulho parece tomar proporções maiores, pois não sentirem a necessidade de se autoafirmarem. É possível que isso seja para destacar seu *status quo* adquirido historicamente. Podemos remeter a Bortoni-Ricardo (2005) quando considera que a fala e o falante têm o prestígio que tem a sua região.

A estratégia de convergência e divergência, conforme esclarecido no aporte teórico (Seção 2), pode aproximar ou afastar os falantes na interação, a depender de cada um. Quando está em jogo o prestígio do dialeto, cuja noção é bastante relativa, devido a fatores inerentes à história de vida dos indivíduos, então a acomodação não é estanque, e sim negociada pelos falantes. Por isso, em alguns depoimentos, há uma tentativa de preservar o próprio dialeto (E16, E23).

As atitudes linguísticas dos falantes que se deslocam geograficamente, passando algum tempo ou mudando-se de vez para outra comuni-

dade dialetal com outros valores e hábitos, demonstram que estão aí coexistindo identidades que lutam por sua existência e afirmação, reveladas em atitudes linguísticas de aproximação ou afastamento (convergência e divergência). A diversidade linguística tem interferência de relações de poder e força entre grupos sociais e intragrupos que revelam a posição em que o indivíduo se encontra na estratificação social, no caso das comunidades dialetais, a posição econômica da região.

5. Considerações finais

Este artigo abordou a questão da identidade e as implicações para o processo de acomodação dialetal. A pesquisa contou com os pressupostos teórico-metodológicos de Labov (1972) e Gilles (1996). A pesquisa realizada para este artigo científico foi exploratória de abordagem qualitativa, levando-nos a resultados inesperados.

Uma das principais conclusões a que chegamos foi que a imagem que o falante tem de sua comunidade é refletida em sua postura diante de outras comunidades dialetais com as quais mantêm contato. Suas atitudes linguísticas revelam o preconceito contra outras variantes distintas da sua. Além do comportamento linguístico-discursivo, a competição que parece haver entre falantes de comunidades dialetais distintas tem relação com a afirmação de identidade que, por sua vez, é revelada por valores e hábitos compartilhados socialmente. Isso parece nos distinguir como seres coletivos e únicos.

Outro importante aprendizado surpreendente foi quanto à consciência da heterogeneidade linguística demonstrada pelos sujeitos da pesquisa, os quais, em que pese a naturalidade como veem a diversidade linguística e cultural em um país de dimensões continentais como o Brasil, ainda alimentam um *ethos* social negativo pelo dialeto do outro e por variantes linguísticas que se distanciem na chamada norma culta, pautando-se pelo “certo” e “errado” em língua, quando o que deveria entrar em jogo é a construção de sentidos.

Pôde-se observar também, nas considerações de alguns entrevistados, a pertinência de se considerar o “jogo das identidades” nas relações de poder a que estamos sujeitos. Em termos macro, no caso das comunidades dialetais, as pertencentes a regiões mais prestigiadas no âmbito sociopolítico e econômico (as regiões Sul e Sudeste), seus falantes gozam de mais prestígio no dialeto que utilizam do que os falantes de regi-

ões menos prestigiadas como o Nordeste. Nesse entendimento, o preconceito linguístico está também intrinsecamente ligado à noção de prestígio da variante e da região a que pertence a comunidade dialetal.

Os resultados das entrevistas apontaram como um dos maiores motivos de convergência dialetal a admiração se tem da comunidade dialetal da qual gostaria de participar, a exemplo de alguns nordestinos que nutrem especial admiração pela região Sudeste seja por motivações econômicas ou pela divulgação negativa que a mídia televisiva apresenta do Nordeste, conforme apontaram alguns entrevistados. Já a motivação para a divergência foi representada pelo orgulho de sua própria comunidade dialetal.

Diante das considerações apresentadas, este brevíssimo estudo, embora incipiente, por explorar uma temática ainda pouco difundida e que será melhor explorada em nossa tese de doutoramento, pode contribuir para o desenvolvimento de outras pesquisas mais aprofundadas no processo de acomodação dialetal e nas atitudes linguísticas dos indivíduos, que sofrem as interferências das representações identitárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BORTONI-RICARDO, S. M. A contribuição da análise de redes ao ensino da língua materna. *Anais do Seminário de Aprendizagem da Língua Materna*: Uma abordagem interdisciplinar, INEP, 1982.

CAMACHO, R. G. *Conflito entre a norma e diversidade dialetal no ensino da língua portuguesa*. 1984. – Tese (Doutorado), Unesp, Araraquara.

CARVALHO, S.; LÓSSIO, R. A era da dissimulação: A linguagem em tempos de tecnologia. In: III Simpósio Nacional de Hipertexto, *Anais...* Recife: UFPE, 2009.

FASOLD, R. *The sociolinguistics of society*. Cmpridge and Oxford: Blacwell Pblishers, 1984.

FLICK, Uwe. *Análise de dados qualitativos*: Graham Gibbs. Porto Alegre: Armed, 2009.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

GILES, H.; RYAN, E. B.; SEBASTIAN, R. J. An integrative perspective for the study of attitudes toward language variation. In: GILES, H.; RYAN, E. B. *Attitudes towards language variation: social and applied context*. London: Edward Arnold, 1982, p.1-9.

GILES H.; COUPLAND N. *Language: contexts and consequences*. Pacific Grove (Ca): Brooks, Cole, 1991.

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HYMES, D. *Foundations in Sociolinguistics*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAMBERT, W. E. A social psychology of bilingualism. *Journal of Social Issues*, XXIII, n. 2, 1967.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades; recortes multi e interdisciplinares*. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

_____. *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PRETI, Dino. *Sociolinguística: os níveis da fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1982.

SCHIFFRIN, Anna de Fina; BAMBERG, Michael. *Discourse and Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

SEPÉ, C. P. *Português falado: um estudo de atitudes com professores da rede municipal de Porto Alegre*. 1998. – Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.

UFLACKER, C. M.; SCHNEIDER, M. N. Atitudes linguísticas e variedades dialetais alemãs. *Uniletras*, Ponta Grossa, v. 30, n. 1, p. 33-51,

jan./jun. 2008. Disponível em:

<http://eventos.uepg.br/ojs2/index.php/uniletras/article/viewFile/186/184>

VASCONCELOS, M.; COELHO, Haydée R. *1000 rastros rápidos: cultura e milênio*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WANDERLEY, U.; CARVALHO, S. Cultura educacional no mundo em rede: o uso produtivo do Facebook. In: VI Simpósio Nacional de Hipertexto, *Anais...* Recife-PE, 2013.